

Um país bem longe do Primeiro Mundo

Investimento em educação no Brasil é irrisório em relação aos EUA e à Europa

Apesar de as indústrias brasileiras terem aumentado, em média, em 160% seus investimentos em programas de educação desde 1990, o volume de gastos do setor privado no Brasil ainda é irrisório se comparado ao exterior. Uma pesquisa realizada sobre o desempenho da indústria nacional pela Iman Treinamento e Consultoria mostra que as 1.153 empresas pesquisadas estão investindo somente 0,6% de seu faturamento bruto em educação e treinamento. Na Europa e nos EUA, as companhias comprometem, em média, entre 3% e 5% de suas receitas para este fim, enquanto no Japão, a taxa fica entre 5% e 7%.

Segundo Reinaldo Moura, diretor da Iman, as empresas brasileiras ainda investem muito pouco em treinamento, o que vem prejudicando, inclusive, a implantação de processos de Qualidade e Produtividade. Este tipo de comportamento é mais comum, entretanto, no Norte e Nordeste do país. Desde 1993, diz ele, as industriais do sul e sudeste tem se mostrado cada vez mais preocupadas não só com a qualidade de seus produtos como também com a qualidade de seu pessoal.

Dos 18 setores pesquisados pela Iman, os que mais investem em educação e treinamento são os segmentos alimentício e químico, com gastos equivalentes a 1,3% da receita. O setor de bens de capital (produção de máquinas e equipamentos), que está perdendo mercado para os importados, investe somente 0,36%. Só perde para as indústrias de cerâmica, que comprometem apenas 0,2%.

A pesquisa do Iman quantifica ainda o grau de dedicação à educação e treinamento dos operários brasileiros, que incluem cursos internos e externos de aperfeiçoamento. Novamente, a realidade é triste: ao longo do ano, eles gastam, em média, o equivalente a 1,22% das horas trabalhadas em salas de aula. Nos EUA e na Europa, a proporção varia entre 5% a 7% e no Japão chega a 20%.

Dos 18 setores pesquisados, os que mais se destacam são o alimentício (3,73%), automobilístico (3,4%) e metalúrgico (3,03%). As indústrias de telecomunicações, embalagens e móveis são as que registram menor grau de dedicação aos estudos.

No caso das indústrias de móveis, por exemplo, este baixo investimento é crítico. Isto porque o setor é o que emprega um dos menores contingentes de trabalhadores com nível superior — somente 1,32% da força de trabalho — e considerando que educação é peça chave para aumento de competitividade, a má formação pode ocasionar problemas futuros. No total da indústria, apenas 4,16% dos trabalhadores têm diploma universitário de acordo dados do Ministério do Trabalho. Apenas 12,14% dos trabalhadores completaram esta o Segundo Grau. Os piores índices estão nas indústrias de madeira (onde só 4,90% cursaram o Segundo Grau) e na produção de couros e peles (7,12%). As melhores marcas são da indústria farmacêutica (29,11%) e do setor químico (26,59%). Apenas 21,15% dos trabalhadores da indústria cursaram até a oitava série do Primeiro Grau. Na construção civil, o percentual fica em 12,23%.